

# OUTROS OLHARES SOBRE A HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA: Experiências Pedagógicas De Formação Na Preparação Do 18th IUAES World Congress<sup>1</sup>

Leonardo de Miranda Ramos (PPGAS - UFSC/ Brasil)

**Resumo:** Apresentaremos neste paper resultados de uma experiência pedagógica de formação na área de gênero, questões queer e decoloniais desenvolvida para a preparação do 18th IUAES World Congress intitulada “Seminários da Secretaria”. Tratou-se de parte de um projeto de extensão visando a formação de estudantes de graduação e pós-graduação, nos meses que antecederam e após o 18th IUAES World Congress, para que conhecessem as trajetórias intelectuais dos principais Keynote do congresso e na edição do segundo semestre de 2018 sobre antropólogas e antropólogos presentes no Congresso. O Seminário visou introduzir autoras e autores pouco estudados em cursos de graduação e pós-graduação em antropologia no Brasil, onde a formação é centrada em autores "clássicos", em geral homens (na sua grande maioria brancos), oriundos dos Estados Unidos, França e Inglaterra e alguns outros países europeus. Além da dimensão de formação teórica, o projeto teve também uma importante dimensão política, pedagógica e metodológica. Um dos principais objetivos foi acolher as e os estudantes em um espaço seguro de debate, que em sua base se propôs horizontal e colaborativo, em que as e os participantes eram convidadas a serem intérpretes, tanto da linguagem (pois o material encontrado estava em sua maioria em inglês) quanto na tradução dos conhecimentos propostos pelas e pelo autor estudado através das lentes de suas próprias experiências como estudantes de antropologia. Colocando em diálogo a experiência de alunas e alunos brasileiras, latino-americanas e africanas que participaram do projeto se observou que esse diálogo horizontal aproximou a equipe de estudantes engajados na organização do 18th IUAES World Congress de antropologias contemporâneas não-hegemônicas na formação em antropologia. Concluímos que a descoberta destas e deste autor, oriundos de diferentes antropologias mundiais trouxe novas perspectivas de entendimento da antropologia no espaço global, fazendo com que estudantes de graduação e pós-graduação ao se reconhecerem nos autores e nas perspectivas teóricas por eles apresentadas, colocassem também em cheque as formas de ensino tradicional de antropologia em cursos de graduação e pósgraduação no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF. **GT 24. Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos - Coordenadoras: Elisete Schwade (UFRN) e Fátima Weiss de Jesus (UFAM/DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA/PPGAS).** Pesquisa desenvolvida no programa de Mestrado do PPGAS-UFSC orientada pela Prof. Dra. Miriam Pillar Grossi, está vinculada à organização do 18º congresso mundial de antropologia da IUAES e ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), e é desenvolvida com financiamento CAPES/SECADI. A pesquisa foi realizada coletivamente com todas/os participantes da atividade e contou com as apresentações de : Simone Lira da Silva, Maria Luiza Scheren, Filipe Tchiene Calueio e Dario Lopes.

**Palavras Chave:** Antropologias Mundiais; Práticas de Ensino; Sul Global

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é organizado da seguinte maneira: Apresentarei o que foram os “Seminários da Secretaria”, que somente foram possíveis graças à organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia da IUAES na Universidade Federal de Santa Catarina. Em seguida uma breve recuperação da história da IUAES e da Wenner Gren e seu papel importante na constituição do campo da Antropologia Mundial. Sequencialmente apresento as orientações teóricas que foram construídas ao longo da construção dos seminários. Na quarta parte do artigo, me dedico aos registros descritivos e apresentação das autoras trabalhadas nos seminários do primeiro semestre de 2018 e reflito sobre algumas das dimensões afetivas em que estávamos inseridas/os. O objetivo central deste artigo é refletir sobre o papel pedagógico inovador dos seminários da secretaria para a formação em história da antropologia sob uma perspectiva decolonial e feminista.

## OS SEMINÁRIOS

Os "seminários da secretaria" do 18th IUAES World Congress, foram realizados ao longo do de todo o ano de 2018, contando com ao todo dez encontros de cerca de uma hora no período das 13h até às 14h. A Escolha deste horário se deu ao fato de que as e os estudantes que atuavam no primeiro semestre de 2018 na secretaria da IUAES 18 tinha reuniões/almoços da equipe todas as segundas-feiras, e, portanto, era uma atividade após o almoço que permitia a integração da equipe



de outra forma. Em cada seminário estudávamos uma autora contemporânea da antropologia, que estava no programa do 18th IUAES World Congress. Também era o horário do início das aulas do CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, que inicia as aulas apenas às 14:20h, aproveitando assim um

espaço entre o horário de aula das e dos estudantes da secretaria. Inicialmente a proposta era que

fosse apenas um seminário fechado, que serviria a propósitos pedagógicos de formação intelectual que, na perspectiva da professora Miriam Grossi é fundamental que aconteça como parte das bolsas estágio da UFSC. Assim, a/o bolsista, deve não só realizar funções práticas ligadas a bolsa estágio (programa PIBE UFSC), mas também pedagógicas, apresentando ao final de seu período de bolsa um relatório dos seus aprendizados práticos e teóricos durante o semestre ou ano em que foram bolsistas. Face ao sucesso do seminário no primeiro semestre mantivemos os encontros sob o mesmo formato no segundo semestre, ampliando a participação das/os bolsistas da secretaria do congresso com o compromisso de também apresentarem seminários e envolvendo bolsistas de outros projetos e núcleos de antropologia da UFSC como assistentes.

Como coordenador desta atividade de formação no campo da História de Antropologia realizei algumas das pesquisas prévias e preparei as apresentações sobre cada uma das pesquisadoras sobre as quais debatemos no primeiro semestre. Apesar do formato tradicional de leitura de textos e debates que esse tipo de atividade normalmente configura, optamos pela apresentação de alguns aspectos das vidas e das teorias dessas pesquisadoras/es que pudessem ser relacionados com as experiências de estudantes brasileiras e também vídeos disponíveis na internet em sua maioria apenas em Inglês, que eram traduzidos e explicados coletivamente pelas pessoas que entendiam mais inglês do que as outras.

A metodologia desenvolvida estava expressa no modelo do seminário que tinha duração de no máximo 50 minutos, incluindo uma apresentação do contexto da antropologia nacional, seu contexto e a obra das autoras em questão, utilizando amplamente metodologias visuais e textuais. Portanto as informações eram sintetizadas abordando apenas as questões que fossem consideradas mais relevantes. Buscamos fazer a apresentação de forma clara, considerando a participação das presentes no seminário essencial, pois a nossa metodologia era colaborativa e horizontal<sup>2</sup>. A apresentação das autoras era feita de forma que todos tivessem espaço de fala e para que o debate pudesse acontecer juntamente à exibição de um vídeo com alguma fala da autora em questão. O debate e a dinâmica colaborativa do seminário eram duas de nossas orientações principais. Buscando produzir uma atmosfera segura para qualquer tipo de contribuição de qualquer pessoa, nossa perspectiva era a de abordar tensionamentos e conflitos através de um diálogo horizontal e

---

<sup>2</sup> Os seminários acolhiam desde estudantes de Ensino Médio (vinculados ao projeto CAPES/SECADI de Direitos Humanos e Educação e ao Projeto PIBIC Ensino Médio, ambos com início em 2018 e realizados pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - UFSC, coordenados pela professora Dra. Miriam Pillar Grossi), até pós doutorandas/os. Levando em conta tal contexto, o nosso princípio era de que todas/os tivesse voz igual durante os encontros, e também tivessem a oportunidade de realizar apresentações; como foi o caso da pós doutoranda Simone Lira da Silva e da/os estudantes de graduação em Antropologia e Relações Internacionais; Maria Luiza Scheren, Dario Lopes (Ant.) e Filipe Tchiene Calueio (R.I). Negando assim, hierarquias de titulação e de formação no processo de construção de conhecimento.

respeitoso. Outro foco importante do seminário era o de estudar mais aprofundadamente as categorias de **Raça, Gênero e Classe** e reforçamos constantemente a importância de se manter esses aspectos em mente na preparação do seminário, sempre buscando trazer reflexões nesse sentido.

Inserido no debate das antropologias mundiais e da forma da produção de conhecimento dentro de uma perspectiva pós-colonial, os “seminários da secretaria” da IUAES 18 estavam embasados em uma perspectiva epistemológica e metodológica de uma das muitas propostas das antropologias mundiais. Ou seja, uma pesquisa que seja construída em conjunto (GROSSI, FERNANDES e CARDOSO 2018). Onde o conhecimento sobre as pesquisadoras estudadas foi decifrado e traduzido coletivamente para as alunas e alunos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC. Assim, o conhecimento e experiência das próprias alunas é o que construiu o debate sobre as trajetórias das pesquisadoras. Aqui, pensamos a noção de *experiência* de acordo com o que a autora Joan Scott (1999) apresenta, uma forma de entendimento individual do mundo que reflete um momento histórico. Dessa forma, a *experiência* das participantes é uma fonte de variados aspectos pertinentes para o debate que os seminários propõe, permitindo a construção de pontes entre a história individual de todas as participantes com um contexto macro de articulações a nível global.

## **IUAES E A EDIÇÃO BRASILEIRA DO IUAES WORLD CONGRESS)**

A IUAES - International Union of Anthropological and Ethnological Studies existe desde 1948, quando surgiu e foi fundida a ICAES (International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences), que havia sido fundada em 1934 em Londres<sup>3</sup>. É uma das associações mais antigas de antropologia que se propõe a um debate global. Intimamente relacionada com fundações e apoios internacionais nos mais diversos países, a IUAES promove encontros de cinco em cinco anos, os World Congresses, como foi o caso do Brasil em Julho. A União é responsável por uma rede intrincada de comissões que são propostas e articuladas por seus integrantes, e que refletem os interesses convergentes de uma comunidade antropológica global, sendo uma das responsáveis por importantes articulações teóricas no campo da nossa disciplina.

No entanto, o movimento de reconhecimento das múltiplas antropologias, as **antropologias mundiais** (RIBEIRO; ESCOBAR. 2006) e consecutivamente, as antropologias do sul, só tomou uma força maior a partir da década de noventa. Em parte, graças aos seminários internacionais da

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.iaues.org/history.html> (Acesso em 04/11/2018)

Wenner Gren e das publicações de pesquisadoras/es financiados pela agência<sup>4</sup> e também pela formação do World Council of Anthropological Associations (WCAA), criado em 2004 em reunião em Recife (Brasil) e que contou com sólido apoio financeiro da Wenner Gren para sua consolidação até 2018 quando passa a integrar a World Anthropological Union (WAU) junto com a IUAES Assim, a virada política da antropologia na década de 1960, que passa a dar conta dos aspectos políticos e éticos da pesquisa antropológica entre as populações nativas - e que é profundamente influenciada pelos projetos de simetrização da disciplina - é um dos fatores históricos que deve ser levado em conta quando se reflete sobre o acontecimento do congresso no continente Sul-Americano. O Encontro no Brasil se propôs a pensar as antropologias mundiais e especialmente colocar em diálogo as Antropologias do Sul do globo. Nesse sentido, o acontecimento teve grande relevância política e epistemológica na validação dos múltiplos projetos antropológicos e seus centros de produção fora do eixo hegemônico.

## REFLEXÕES NO SENTIDO TEÓRICO METODOLÓGICO

Segundo os professores Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar, em seu livro sobre as Antropologias Mundiais, existe uma mudança na posição daqueles que eram antes considerados “objetos de estudo”. Vivemos uma era pós antropológica, onde não existe uma única antropologia. Isso requer mudanças institucionais e epistemológicas em prol de um movimento que envolva a participação das mais variadas vertentes do conhecimento antropológico. Nesse sentido, chamam atenção para aspectos da produção do conhecimento antropológico em que existe uma necessidade de ação política, democrática, heterogênea e transacional; partindo da perspectiva de que escrevemos de um ponto de vista nacional particular e do entendimento da predominância de determinadas práticas acadêmicas que envolvem relações de poder desigual no contexto universitário hegemônico. Nesse sentido os autores chamam atenção para uma noção de *geopolítica do conhecimento* que perpassa a disseminação do conhecimento antropológico, enquanto seu *locus de enunciação* é marcado geopoliticamente. Um eurocentrismo do conhecimento que diz respeito a agenda de produção de conhecimento antropológico mundial, em que existem alguns poucos agentes que definem a autoridade do mesmo - lembremos do caso de Ruth Landes e a rejeição de

---

<sup>4</sup> A Wenner Gren é uma das principais agências financiadoras de pesquisas na área de antropologia no planeta. Segundo o professor Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar, a função de Ribeiro como consultor da Fundação Wenner Gren entre 1992 e 1995 o proporcionou um amplo conhecimento das antropologias sendo produzidas mundialmente com seus fundos, o que o fez perceber que não havia um grande reconhecimento das antropologias feitas fora do eixo do Atlântico Norte. Apoiado pela então presidente da Wenner Gren, Sydel Silverman e pelo editor da revista *Current Anthropology*, Richard Fox, deu início a um processo de articulação que somente nos anos 2000, no Simpósio da Fundação Wenner Gren para a Pesquisa Antropológica de 2003 na Itália se consolidou e deu origem ao livro *Antropologias Mundiais* de Gustavo Lins Ribeiro e Arturo Escobar em 2006.

seu trabalho. Esses processos envolvem as geopolíticas econômicas, hierarquias raciais e transnacionais que definem os limites da produção antropológica. Nesse sentido as antropologias mundiais estariam dispostas a abraçar uma diversidade epistêmica como um projeto universal, visando um enriquecimento epistemológico do debate.

O trabalho da professora Faye Harrison, sobre a produção de conhecimento Ex-Cêntrico (Bhabha, 1998) fala sobre a importância de termos uma perspectiva não elitista do que seria o pensamento teórico, de como ele é expresso e por quem. Essa é uma parte importante da descolonização do pensamento antropológico. Estamos vivenciando um momento teórico de expansão e multiplicação dos espaços onde vários modos e formas de teorizar tomam lugar e são reconhecidos como tal. Nesse sentido, uma teoria ex-cêntrica estaria relacionada diretamente as intervenções do Sul-Global e ao um debate transnacional. Pois é nesse sul global onde outras vozes estão surgindo e produzindo um distanciamento da dicotomia informante/etnógrafo, e que permite às/aos antropólogas/os performar dentro de uma ética de pesquisa que induz a relações menos hierárquicas no contexto de produção de conhecimento. A antropóloga ainda advoga um Sul global como um locus de produção teórica ex-cêntrica significativo depositando um foco crítico principalmente nas universidades e nos esquemas associados a produção de conhecimento oficial.

O termo ex-cêntrico (*ex-centric*) cunhado por Bhabha (1998), faz uma defesa de uma descentralização das abordagens críticas *mainstream*, para que uma maior e mais ampla quantidade de pensadores possa ocupar espaços em uma paisagem ( contexto de produção de conhecimento ) democratizada. Eleva as práticas teóricas multivocais e interculturais de teorização e reflexão sobre a teoria, as quais passam a encorajar diálogos epistêmicos cruzados que levam a novas questões e perspectivas híbridas. Em *O Local da Cultura*, Bhabha advoga por um reconhecimento das diferenças culturais ao invés de uma política de diversidade cultural, no sentido que a diferença cultural abre espaço para a própria enunciação da cultura, no sentido oposto ao da diversidade cultural, que a coloca apenas com um objeto epistemológico, um objeto de conhecimento empírico. Uma negociação, nos termos que propõe Bhabha, produz lugares objetivos híbridos de luta e que desmonta a dualidade de uma “verdadeiro revolucionário” e de uma “falsa concepção ideológica”. Cada negociação é um processo de tradução e transferência de sentido em que cada objetivo é construído sob o traço daquela perspectiva que ele rasura (p.53). Nesse sentido o momento híbrido tem um valor transformacional de mudança que reside na rearticulação, ou tradução de elementos que não são nem um e nem outro, mas algo que contesta os termos e territórios de ambos.

Jean e John Comaroff em *Theory From the South* se inserem nessa corrente de pesquisadoras e pesquisadores que entendem que o esclarecimento ocidental se posicionou como

fonte de aprendizado universal, usam o exemplo da prosa oriunda de países africanos, que é tomada como uma performance de sua alteridade e não como um processo de auto-escrita (p.03, 2014). Para pensar esse tipo de processo é imprescindível levar em conta que a condição do sujeito colonizado não foi simplesmente a de um bem necessário. Mas sim, que a presença desconfortável do outro sempre levantou inquietações e agitou as aspirações imperiais. As sociedades coloniais foram formações socioculturais e econômicas complexas e possuíam relações imprevisíveis entre colonizadores e colonizados. Ao falarem do processo de constituição da Modernidade, os Comaroff alertam para que se a expansão moderna foi um processo histórico que pode ser analisado através de uma perspectiva mundial, deve poder ser narrado também de suas margens, assim como de seu auto-proclamado centro.

Nesse sentido a noção de *posicionalidades*, apresentada por Ângela Figueiredo (2017) no contexto da produção de conhecimento sobre questões étnico-raciais contemporâneas com base nas pesquisas de Patricia Hill Collins, configuram em locais privilegiados e historicamente construídos do ponto de vista daquelas/es que são parte de determinado grupo. Djamila Ribeiro (2017) faz uma revisão desta categoria analítica, e da que cunha como “lugar de fala” como parte de uma proposta metodológica de análise que não se esgota na experiência individual, e sim é relacional.

## **REGISTROS DESCRITIVOS**

Estávamos alinhadas a uma proposta pedagógica e metodológica de aprendizado coletivo, um conhecimento que fosse construído em conjunto e aproximasse as e os estudantes da produção de conhecimento antropológico. Decidimos então que o seminário que inicialmente seria fechado apenas para as pessoas da secretaria fosse aberto para todas as pessoas que quisessem. O primeiro seminário, foi um pouco menos movimentado, mas a partir do segundo encontro contávamos com salas com um número considerável de estudantes de diversos cursos e de diversas nacionalidades, contando com estudantes da Graduação e da Pós Graduação em Antropologia Social, da Graduação e da Pós Graduação em Ciências Sociais, do programa de Doutorado Interdisciplinar, estudantes das graduações de Relações Internacionais e Letras Inglês. Os Seminários contaram também com a presença de estudantes de outras nacionalidades, como Angola e Colômbia.

A questão da língua é uma das muitas coisas que condicionam a circulação dos conhecimentos produzidos em uma antropologia em âmbito global, no caso dos seminários, a maior parte do material ao qual tivemos acesso durante a pesquisa foi em inglês. Para que a barreira da linguagem fosse transposta, as participantes que tinham maior domínio da língua eram convidadas a auxiliar na interpretação das falas que foram assistidas. Além de criar um espaço em que a

acessibilidade linguística era uma grande preocupação de toda a equipe, também realizamos a tentativa de criar um local seguro de acolhimento das alunas, assim como produzir novos ambientes para a produção e ensino do conhecimento antropológico em que a pluralidade de visões e interpretações sobre os materiais debatidos era estimulada.

Profundamente ancoradas nos debates contemporâneos da antropologia a nível global e na teoria da antropologia crítica feminista, assim como inspirados nos debates pós-construtivistas e pós-críticos da educação, visamos proporcionar assim situações de aprendizado em que as categorias analíticas de gênero classe e raça fossem acionadas na produção coletiva daquele momento de aprendizado entre pessoas de diversas idades e cursos. Contribuindo para a formação de antropólogas e antropólogos, que desde o início de sua formação acadêmica estivessem em contato com teorias contemporâneas a respeito desses temas. A tentativa foi de criação de um espaço que proporcionasse uma sensibilização e aprofundamento nas questões de gênero e raça.

### **As Autoras E Autores Apresentados Nos Seminários**

As autoras e autor apresentados nos “seminários da secretaria” foram: a pesquisadora afro-surinamesa e educadora residente na Holanda, Glória Wekker; a pesquisadora Indiana Amita Baviskar; a pesquisadora norte-americana, professora e ex-presidenta da IUAES Faye Harrison; a pesquisadora e professora colombiana Mara Viveros Vigoya e o pesquisador Queniano residente nos EUA, Mwenda Ntarangwi. Dois destes autores, inicialmente convidados para serem conferencistas do congresso não compareceram por problemas de ordem pessoal. Todavia foi muito importante para a equipe de organização do congresso conhecer suas obras e trajetórias enquanto pesquisadores negros com perspectiva pós-colonial.<sup>5</sup>

#### **Glória Wekker**

Pesquisadora Afro-Surinamesa Lésbica e Educadora Holandesa, nascida em 13 de Junho de 1950. Realiza suas pesquisas nas áreas de gênero e relações raciais. Realizou pesquisas sobre religiões africanas, lesbianidades e paradoxos do colonialismo e raça. Em seu livro recente *White Innocence*, 2017, faz uma análise das relações coloniais nos Países Baixos e a negação veemente da existência de discriminação racial, xenofobia e violência colonial. Questiona a narrativa dominante no país de



---

<sup>5</sup> Informamos as datas de nascimento das pesquisadoras quando tivemos acesso a essas informações.



que são "gentis" e "éticos", sem preconceitos étnico-raciais, quando, na verdade a experiência dessas populações revela o oposto.

#### **Amita Baviskar**

Amita Baviskar é Indiana e pesquisadora do Instituto de Crescimento Econômico (Institute of Economic Growth), em Delhi, nascida em 9 de maio de 1965. Sua pesquisa foca nas políticas culturais de meio ambiente e desenvolvimento na Índia, tanto nas áreas urbanas como rurais. Seus trabalhos abordam temas como: Direitos sobre o meio ambiente e recursos naturais Resistência popular Discursos sobre Ambientalismo. Recentemente, tem pesquisado alimentação e ambientes agrários



na na região oeste da Índia. Sua fala como Keynote no congresso foi **Anthropology in the Anthropocene: Making Sense of Unstable Worlds ( Antropologia e o Antropoceno: Fazendo sentido em Mundos Instáveis )**

#### **Faye Harrison**

Professora da Universidade Illinois, USA, Faye Harrison foi aluna de St. Clair Drake na década de 70, no final de sua pós graduação, nascida em 7 de fevereiro de 1945. O teórico e ativista lhe ensinou que ativismo e academia não são necessariamente coisas dicotômicas. Vinculada a antropologia pública. Aos estudos decoloniais e sobre as relações entre o sul global também foi a Ex-presidenta a IUAES e agora configura como conselheira honorária.



#### **Mara Viveros Vigoya**

A pesquisadora Colombiana é Doutora em Antropologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS) e é Economista pela Universidad Nacional de Colombia. É professora da Faculdade de Ciências Humanas, da Escola de Estudos de Gênero e do Departamento de Antropologia da Universidade Nacional da Colômbia, Bogotá. Fundadora e a atual coordenadora da Escuela de Estudios de Género da Universidad



Nacional de Colombia Seus interesses de pesquisa estão focados em assuntos relacionados às intersecções de gênero, sexualidade, raça e etnia na dinâmica social das sociedades latino-americanas. Sua fala como Keynote do congresso foi **Entre la extraversión y las epistemologías "nuestramericanas": el lugar de la producción antropológica con enfoque de género .**

### Mwenda Ntarangwi

Nascido no Kenya fez Graduação em Ensino de Línguas e Mestrado em Estudos Culturais Swahili na Universidade de Kenyatta. Seu livro *Reversed Gaze, An African Ethnography of American Anthropology* (2010) é uma importante obra que traz o debate "sobre a fetichização continuada do outro colonial e pós-colonial, e sobre a incapacidade de muitos antropólogos ocidentais de se engajar em uma auto reflexividade verdadeira e analisar suas próprias sociedades"--Paul Tiyambe Zeleza, Infelizmente Mwenda não pode comparecer ao congresso.



### Dimensões Afetivas

Por uma questão de bagagem e histórias de vida (levando em conta a dinâmica de sala de aula que é aprendida pelas/os estudantes no Brasil ao longo de suas trajetórias) , temos uma ideia dos motivos pelos quais muitas das/os estudantes não se sentiam confortáveis com o tipo de participação que estávamos colocando para elas/es. Nesse sentido, nem sempre houve engajamento de todas e todos os estudantes nas atividades coletivas de debate e tradução de conhecimentos. No entanto, quando houve essa iniciativa, por parte de alunas mulheres predominantemente, houve espaço para conversas memórias e reflexões sobre os contextos de origem de cada uma/um. Nesse sentido tivemos uma contribuição muito importante de Filipe Tschiene

Eliel Calueio, a respeito do contexto religioso de país de origem, Angola. Calueio é da graduação em Relações Internacionais da UFSC e



atualmente trabalha como bolsista na secretaria cuidando de aspectos relacionados a comunicação com embaixadas e todos os procedimentos que envolveram as solicitações de vistos para

participantes do evento. No dia do encontro em que conversamos sobre Mwenda Ntarangwi, nos deparamos com algo que deixou muitas de nós perplexas, uma antropologia vinculada ao cristianismo. Calueio então, paciente e generosamente, nos contou um pouco sobre o contexto religioso de alguns países do continente africano. Também tivemos o depoimento da pós-doutoranda Juana Valentina Nieto, que no dia do seminário sobre Mara Viveros Vigoya, deu um depoimento sobre o contexto da Antropologia na Colômbia e sobre sua experiência como sua aluna de graduação.

Como o público frequente dos encontros eram as/os bolsistas da secretaria pudemos analisar o impacto desses encontros com mais precisão entre o grupo de alunas e alunos de graduação que compõe a equipe. Que além de terem experienciado uma aproximação com importantes pesquisadoras e pesquisadores da Antropologia Mundial trabalhando na secretaria do congresso ao longo dos meses de preparação e da semana do evento; tiveram também a oportunidade de se aproximar afetivamente dessas pessoas. Lembro aqui com carinho e um certo pesar, das tramitações para trazer a pesquisadora Glória Wekker que infelizmente não foram levadas a cabo devido ao falecimento de sua companheira de vida, e da impossibilidade financeira do congresso em atender a sua demanda de providenciar uma passagem de uma acompanhante pois ela se encontrava sensibilizada e impossibilitada de viajar sozinha. A equipe da secretaria é composta predominantemente por estudantes

mulheres, sendo que os integrantes homens chegaram a um máximo de cinco ( A equipe contou com diversas/os colaboradoras/es externos e/ou temporários), enquanto o número de integrantes mulheres ultrapassa 9. ( Aqui vale o registro de que no quadro de coordenadoras do evento havia



apenas um homem homossexual, eu.) Uma parte significativa da equipe e das pessoas que foram parte dela por algum momento, é de pessoas negras, ou não-brancas, sendo oriundas de países da América Latina ou africanos, ou LGBT. Para nossa diversa equipe, conhecer a trajetória de Glória Wekker despertou um grande interesse das/dos estudantes, pois envolvia ali questões de representatividade de diversos marcadores sociais das diferenças que eram vividos por aquelas/es jovens, e não somente, apresentava alternativas e esperanças de um futuro de dentro da carreira acadêmica. O próprio debate apresentado por Wekker em seu livro recente, *White Innocence* (2017)

se refere a invisibilização dos atos racistas no contexto holandês, o que faz um paralelo muito intenso com a experiência das/os estudantes brasileiras.

Pudemos identificar um aumento de interesse nesses respectivo tópicos. As/os estudantes

<b>17/10/18</b> - Trajetória e Teoria de <b>Sohella Mishra Sahashani</b> facilitada por Simone Lira da Silva
<b>31/10/18</b> - Trajetória e Teoria de <b>Kabengele Munanga</b> facilitada pela/o aluna/o Eliel Calueio e Maria Luiza Scheren
<b>07/11/18</b> - Trajetória e Teoria de <b>Nikki Karalekas</b> facilitada pelo aluno Dario Lopez
<b>21/11/18</b> - Trajetória e Teoria de <b>Patricia Castañeda</b> Facilitada por Gabriela Pedroni

demonstraram interesse através de pedidos de recomendações de textos antropológicos, ou textos de autoras/es oriundas de países africanos e que abordassem as temáticas de decolonialidade e raça. Podemos identificar reflexos dos impactos dessas figuras no processo de aprendizado dessas/es jovens no segundo semestre do ano de 2018,

quando as estudantes da secretaria tiveram a oportunidade de escolher autoras/es e preparar um dos encontros dos seminários. A busca por autoras/es do sul global fica clara, assim como um recorte especial sobre os debates feministas e de gênero e raça.

## REMATE

Um dos nossos principais objetivos era transcender as perspectivas eurocêntricas abraçando as diversidades de enunciação e epistemologias, entendendo esses conhecimentos como localizados historicamente e cujo locus de enunciação é marcado geopoliticamente. Assim, o debate sobre as autoras e autores selecionadas visava também desafiar as condições de diálogo do espaço de aprendizado, levando em conta as relações de poder presentes, nas vidas das alunas e nas formas de produção da disciplina.

Visamos então um aprendizado multifacetado sobre uma produção de conhecimento antropológico que fosse menos formatada pelas hegemonias metropolitanas. Seriam debates que buscam a pluralidade não só de teorias pesquisadas, mas de experiências e pontos de vistas das pessoas ali presentes, trazendo a tona preocupações políticas e teóricas localizadas historicamente e através do acionamentos de categorias de raça, gênero, classe. Enfatizando uma produção coletiva de conhecimento. A busca por essas formas de conhecer que não são valorizadas pela disciplina dentro de um debate que está normalmente centralizado, e que fica restrito a apenas um determinado grupo de pesquisadores, normalmente homens, brancos e de países do eixo do atlântico norte. Seriam formas de aprender periféricas, que buscam dar espaço para a produção de novas

enunciações, e entendimento de que existem muitas formas de conhecimento, e muitas formas de ser intelectual, a dicotomia entre acadêmico e o não acadêmico é efeito de uma disciplina do conhecimento.

Pensar uma antropologia mundial é também pensar os moldes de ensino regular e os moldes de ensino da Antropologia em seus contextos históricos específicos. Pois esse debate fica estratificado entre as pessoas que tem condições de acesso a esse conhecimento, recursos para participar de associações mundiais e seus encontros em diversos países do mundo, ou pessoas que tenham conhecimento de uma segunda língua que seja hegemônica. Entendemos que nesse sentido, a proposta de produção multi-lingue das antropologias mundiais se encaixa para pensarmos políticas de tradução para textos contemporâneos que proporcionem o devido acesso a toda a produção Sul e a suas teorias ex-cêntricas. Enriquecendo assim o debate sobre as diferenças e as outras formas de saber e produzir conhecimento. Nesse sentido, muitas de nós estão inseridas em espaços universitários que muitas vezes precisam rever suas escolhas metodológicas e suas configurações estruturais na medida em que se abrem para alunas e alunos de diferentes contextos e bagagens, que acessaram a universidade por meio de políticas afirmativas. A noção de aprendizado e educação como práticas emancipatórias é essencial para que o reconhecimento da invisibilização de autoras e autores negras e negros, LGBT, Indígenas e muitas outras. E para que as/ os estudantes de Antropologia tenham acesso a essas Antropologias Contemporâneas não Hegemônicas, desde o início de sua formação.

#### **LINKS PARA AS APRESENTAÇÕES EM FORMATO PREZI:**

1. Glória Wekker  
<https://prezi.com/view/OEPDnSTAdCFDnqoTGV9C>
2. Amita Baviskar  
<https://prezi.com/view/ibGfknhBOWGNy3CMgGgz>
3. Faye Harrison  
<https://prezi.com/view/Cs0fIABbHaYYvoUTFMGO>
4. Mwenda Ntarangwi  
<https://prezi.com/view/I9kfBGwh8Kwh9RoxgmQ5/>
5. Mara Viveros Vogoya  
<https://prezi.com/view/4M1q4etYD47hyfB3Y0ig/>

#### **LINK PARA A PASTA DE CONTEÚDOS DISPONIBILIZADOS COLETIVAMENTE PELAS PARTICIPANTES**

[https://drive.google.com/drive/folders/1VGhqVvYR4EQ-4wCVopfdHah\\_Jjw7bisA](https://drive.google.com/drive/folders/1VGhqVvYR4EQ-4wCVopfdHah_Jjw7bisA)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAVISKAR, Amita. **Written on the body, written on the land.** Violence and environmental struggles in Central India. Working papers 02, 2010. Berkeley Workshop on environmental politics.

BHABHA, Homi, **O Local da Cultura**, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998

COLLINS, Patricia Hill. What's in a name? Womanism, Black Feminism, and Beyond. Source: **The Black Scholar** , vol. 26, no 1, The Challenge of Blackness, Taylor & Francis, Ltd. Stable, 1996.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. **Theory From The South How Euro-america Is Evolving Toward Africa.** 1. ed. [S.l.]: SUN MeDIA Stellenbosch, 2014. 240 p. Disponível em: <[http://www.africansunmedia.co.za/Portals/0/files/extracts/9781920689261\\_extract.pdf](http://www.africansunmedia.co.za/Portals/0/files/extracts/9781920689261_extract.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2018

CORRÊA, Mariza. 2000. "**O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira**". *Etnográfica*, 2:233-265.

DE SOUSA SANTOS, Ana Célia; ALVES DO BOMFIM, Maria do Carmo. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. In: *Fazendo Gênero*, 9., 2010, Florianópolis. **Pedagogia Feminista Na Construção De Uma “Alternativa De Gênero”...** [S.l.: s.n.], 2010. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278186641\\_ARQUIVO\\_Artigo-FazendoGero.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278186641_ARQUIVO_Artigo-FazendoGero.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2018.

FACHIN, Patrícia, JUNGES, Márcia. **O método pós-construtivista.** Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2304&secao=281](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2304&secao=281). Ano VIII, 10.11.2008. Acesso em 08 de Out. de 2018.

FIGUEIREDO, Ângela. Descolonização do Conhecimento no Século XXI. In: SANTIAGO, Ana Rita et al. (Org.). **Descolonização Do Conhecimento No Contexto Afro-brasileiro.** Cruz das Almas/BA: UFRB, 2017. p. 79-106. Disponível em:

<[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiX3JOw\\_PHdAhVGFpAKHU0aCewQFjAAegQICRAC&url=https%3A%2F%2Fwww1.ufrb.edu.br%2Feditora%2Fcomponent%2Fphocadownload%2Fcategory%2F2-e-books%3Fdownload%3D96%3Adecolonizacao-do-conhecimento&usg=AOvVaw2Brov07m2Z5KOfZVY-5YjI](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwiX3JOw_PHdAhVGFpAKHU0aCewQFjAAegQICRAC&url=https%3A%2F%2Fwww1.ufrb.edu.br%2Feditora%2Fcomponent%2Fphocadownload%2Fcategory%2F2-e-books%3Fdownload%3D96%3Adecolonizacao-do-conhecimento&usg=AOvVaw2Brov07m2Z5KOfZVY-5YjI)>. Acesso em: 06 out. 2018.

GROSSI, Esther Pillar. **Proposta do Geempa : princípios da proposta pós-construtivista geempiana**. Disponível em: <<https://vimeo.com/2369987>>. Acesso em: 12 maio 2018.

GROSSI, Miriam Pillar; FERNANDES, Felipe Bruno Martins; CARDOZO, Fernanda (Org.). **Sexualidades, Juventude E Práticas Docentes** . 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2017. 224p p.

HARRISON, Faye V. . **Theorizing in ex-centric sites**. Sage Journal , Sage, v. 16, n. 2-3, p. 160-176, set. 2016. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1463499616652516>>. Acesso em: 05 maio 201

NTARANGWI, Mwenda; MILLS, David; BABIKER, Mustafa H. M. **African anthropologies: history, critique, and practice**. Londres, Nova Iorque: Zed Books, Dakar: CODESRIA, 2006. p.250266

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Editora Letramento, Belo Horizonte. 2017

RIBEIRO, Gustavo Lins; ESCOBAR, Arturo (Org.). **World Anthropologies : Disciplinary Transformations in Systems of Power**. Oxford: Berg, 2006.

WEKKER, Glória . **White Innocence**. Netherlands. 2016

SCOTT, Joan W. "EXPERIÊNCIA". In: LEITE DA SILVA, Alcione; COELHO DE SOUZA LAGO, Mara; OLIVEIRA RAMOS, Tânia Regina. **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55. Disponível em: <[http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan\\_Scott-Experiencia.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2018.